

Caso Noa Pothoven

Morte assistida, viver desassistido

Maria Souza Cardoso
José Roberto Goldim
14/06/2019

Descrição sumária do caso

Noa Pothoven, uma adolescente de origem holandesa, nasceu em Arhem em 2001, onde viveu até o fim de sua vida. Veio a falecer no dia 02 de junho de 2019, aos 17 anos de idade. Sua história de vida foi marcada por três grandes traumas: aos 11 anos de idade foi abusada em festa escolar; aos 12 anos, sofreu novo abuso em festa com amigos; aos 14 anos foi violada sexualmente por dois homens em um beco de sua cidade. Este último fato, guardou em segredo por alguns anos, quando sua família descobriu por acaso ao encontrar carta de despedida escrita pela adolescente.

Ativista pelo direito de escolher morrer, escreveu o livro autobiográfico intitulado *Winnen of leren* ("Ganhar ou aprender", em tradução livre) em 2018. Nessa produção, transcorre como em um diário, os desafios de permanecer viva lidando com o intenso sofrimento psíquico decorrente dos eventos traumáticos e, por conseguinte, o desenvolvimento de adoecimentos psiquiátricos (Noa lidava com sintomas de Transtorno de Estresse Pós Traumático, Anorexia e Depressão). Refere em seu livro que não possuía mais sentido viver.

Aos 17 anos de idade entrou em contato com a Clínica Levenseinde (ou "Clínica do fim de vida") requisitando realizar o processo de suicídio assistido. No entanto, seu pedido foi negado. A clínica alegou que por se tratar de uma jovem de 17 anos, seu cérebro não encontrava-se completamente formado e por isso deveria esperar até os 21 anos para requisitar novo pedido. Noa referiu que não conseguiria viver por tanto tempo em sofrimento.

Em sua história, fica pouco claro quais tratamentos psiquiátricos foi submetida. Procurando em imprensa internacional, encontrou-se apenas uma reportagem que fala sobre processo aberto por juiz que a internou compulsoriamente por seis meses em serviço especializado. Sobre esse período, Noa referiu ter sido amarrada e isolada para evitar que se machucasse. Sua mãe disse que após tal internação, seus sintomas anoréxicos vieram a piorar. Em outras notícias, relatam brevemente que sua vida foi marcada por várias internações devido sintomas da anorexia, incluindo a colocação de sonda nasointestinal. Em seu livro, diz que estava aberta a tratamentos como o de eletroconvulsoterapia, se este fosse para lhe trazer paz.

Na semana anterior de sua morte escreveu em sua conta do instagram: "After years of fighting, the fighting has finished. I have now stopped eating and drinking for a while, and after many conversations and reviews it has been decided that I will be released because my suffering is unbearable". Disse também: "I have not really been alive for so long, I am surviving, and not even that. I am still breathing but I am no longer alive." Disse ainda que percebia seu "corpo ainda sujo", frase comumente dita por pessoas que sofreram abusos sexuais e que enquadra-se no caso de transtorno de estresse pós traumático.

Após anos de sofrimento, e recusa da clínica especializada, escolheu não mais alimentar-se ou beber líquidos. Sua família e equipe médica declararam que recusavam-se a forçá-la a comer ou beber. Noa veio então a falecer em casa, em cama hospitalar, devido inanição, rodeada por seus familiares e amigos.

O primeiro veículo de informação a noticiar o caso após a morte da adolescente, o Central European News (CEN), trouxe em sua matéria que Noa havia realizado eutanásia. Após, outros veículos reproduziram a mesma informação. Isso levantou

novamente o debate sobre o que caracteriza um procedimento de eutanásia e se o caso de Noa se enquadraria. Outros jornais, vieram a chamar o ocorrido de suicídio assistido. O jornal CEN veio a retratar-se, referindo que este não havia sido um caso de eutanásia e que a clínica que havia sido contatada pela adolescente não possuía nenhum envolvimento em sua morte, trazendo para o debate o termo *self euthanasia*.

Este termo, utilizado pelo psiquiatra holandês Boudewijn Chabot, explica que o tipo de morte provocada por Noa, encontra-se em uma zona cinza jurídica. Debate mais aprofundadamente o tema em seus dois livros "Guide to Dignified Dying" e "Taking Control of your Death by Stopping Eating and Drinking". Refere três formas de tirar a própria vida de maneira legal e sem acarretar questões judiciais para terceiros. Duas delas, ditas como não naturais, consistem em tomar uma combinação de medicamentos ou inalar gás hélio ou nitrogênio, mas que envolveria legistas. A escolha natural, e a de Noa, consiste em parar de comer e beber líquidos. Para isso, sugere que a pessoa converse com um médico para deixar por escrito uma directiva específica que comprove o seu desejo de terminalidade de vida, o não desejo por tratamentos que preservem ou estendam a sua vida e/ou hospitalização. Outro ponto chave para legalizar o ato de Noa, foi que esta encontrava-se em cama hospitalar, apesar de estar em casa, o que caracterizaria que ela encontrava-se em cuidado clínico na hora de sua morte.

Apesar das questões dúbias sobre a caracterização da morte de Noa, sua mãe declarou no jornal Gelderlander: "Noa had chosen not to eat and drink anymore. We would like to emphasize that this was the cause of her death. She died in our presence last Sunday. We kindly ask everyone to respect our privacy so we as a family can mourn."

Material Adicional

<https://www.doemeemetmind.nl/actie/noa-pothoven>

Material do site de coleta de fundos criado pela própria Noa Pothoven

<https://www.bmj.com/content/365/bmj.l4142.full>

Comentário publicado no British Medical Journal sobre o caso, colocando a opinião de que a eutanásia era o desejo de Noa. No texto a autora afirma que ela era uma paciente com doença mental. Ao final de seu comentário a autora afirma que no Reino Unido existe uma orientação, desde 1997, de que os médicos podem alimentar à força os pacientes que são considerados como estando fora de condições de tomar decisões no seu melhor interesse. Apesar disto, em 2018, uma paciente, [Merryn Crofts](#), de 21 anos, morreu de inanição por decidir não mais se alimentar em função de ter seus pedidos de eutanásia recusados. Ela tinha dores insuportáveis decorrentes de uma severa encefalomielite miálgica, ou síndrome da fadiga crônica.

https://brasil.elpais.com/brasil/2019/06/04/internacional/1559672340_968899.html

Desde então, ela sofria de anorexia, e sua vida virou um *entra-e-sai* de hospitais e centros especializados. Ao comprovar seu estado emocional, os juízes a internaram à força em uma instituição durante seis meses: lá foi imobilizada e isolada para que não se lesionasse.

Ao sair dessa clínica, a anorexia piorou. Sua família denunciou a falta de lugares apropriados na Holanda para casos como o de sua filha. Teve que esperar seis meses

para que a admitissem em um centro especializado em transtornos alimentares, e acabou hospitalizada e com uma sonda nasogástrica. Seu caso chegou aos meios de comunicação nacionais em 2018, e posteriormente ela publicou um livro, intitulado *Ganhar ou Aprender*, em que contava sua história.

<https://edition.cnn.com/2019/06/08/europe/noa-pothoven-euthanasia-debate-intl/index.html>

In her autobiography, Pothoven wrote that she had nothing left to live for.

Last week, after years of battling mental illness, Pothoven announced on Instagram that she had begun refusing all food and liquids.

"After years of fighting, the fighting has finished. I have now stopped eating and drinking for a while, and after many conversations and reviews it has been decided that I will be released because my suffering is unbearable," Pothoven wrote in a post, which has since been removed.

"I have not really been alive for so long, I am surviving, and not even that. I am still breathing but I am no longer alive."

On Sunday, Dutch media reported that Pothoven had died in a hospital bed in her family's home in Arnhem after she stopped eating and drinking.

Pothoven had not been euthanized, [according to her family](#), who issued this statement in the Gelderlander: "Noa had chosen not to eat and drink anymore. We would like to emphasize that this was the cause of her death. She died in our presence last Sunday. We kindly ask everyone to respect our privacy so we as a family can mourn."

[According to a Dutch news report](#), many British news outlets were initially alerted to the story by Central European News (CEN), a newswire service that specializes in foreign tabloid stories. CEN has previously been accused of providing unreliable information to clients, an accusation CEN fervently denies.

Michael Leidig, who runs the agency, told CNN that when it became clear CEN's original report mischaracterized Pothoven's death, they published a new story describing the way she ended her life as a "legal gray zone."

<https://observador.pt/2019/06/04/eutanasia-noa-conseguiu-morrer-aos-17-anos-depois-de-varias-violacoes-na-infancia/>

Hoje as dúvidas sobre a causa da morte da jovem holandesa ecoam pelos jornais depois das questões levantadas por Naomi O'Leary, correspondente do Politico, no twitter.

A 17-year-old rape victim was NOT euthanised in the Netherlands. [@euronews](#) [@Independent](#) [@DailyMailUK](#) [@dailybeast](#) are all wrong

It took me about 10 mins to check with the reporter who wrote the original Dutch story. Noa Pothoven asked for euthanasia and was refused (cont.)
pic.twitter.com/e7PYQSCxG1

— Naomi O'Leary (@NaomiOhReally) [June 5, 2019](#)

Como morreu afinal Noa? A jovem já tinha pedido a eutanásia clínica Levenseind em Haia, mas recebeu de resposta que teria de esperar até o seu cérebro estar totalmente desenvolvido, aos 21 anos, para fazer novo pedido.

Noa Pothoven foi abusada a primeira vez quando tinha apenas 11 anos, numa festa da escola. No ano seguinte foi novamente violentada, numa festa de amigos. Dois anos mais tarde, com 14 anos, dois homens violaram-na no bairro de Elderveld em Arnhem. Durante anos ninguém soube de nada e Noa carregou consigo o peso das agressões. Os pais descobriram por um mero acaso, quando encontraram no seu quarto um envelope plástico com cartas de despedida da jovem para a família e amigos, contou a mãe ao [jornal de Gelderlander](#) em dezembro de 2018.

Noa deixou de se alimentar, sofria de stress pós-traumático, depressão e anorexia. Lançou uma biografia, em 2016, “Ganhar ou Aprender” onde descreve as violações de que foi alvo nos diferentes momentos e confessa que as escondeu “por vergonha e medo”.

Durante a sua curta vida foi internada várias vezes, admitida em clínicas de reabilitação e sujeita a internamentos onde apenas usava um vestido de um tecido forte para que não pudesse rasgá-lo e usá-lo para tirar a própria vida. Foi alimentada através de uma sonda enquanto aguardava a admissão numa clínica de tratamento para distúrbios alimentares.

No final do livro deixava a esperança em aberto para os tratamentos de eletroconvulsoterapia, aos quais dava a oportunidade de lhe “trazerem paz”, mas não trouxeram. Num último post no [instagram](#) a jovem dizia que “a luta estava terminada”.

<https://viraltab.news/dutch-rape-victims-death-described-as-self-euthanasia/>

The method used by the Dutch teenage rape victim to end her life after she felt she could no longer go on living is detailed in a Dutch guide on killing yourself that says it is in a legal grey zone best described as “self euthanasia”.

Last year Noa had been devastated at being turned down because she was not old enough, saying: “They think I’m too young to die. They believe that I should first finish treatment to cope with my trauma, and that my brain should first become fully grown. They said that will take until I am 21. I am heartbroken by this news, because I cannot wait that long.”

And Dutch psychiatrist Boudewijn Chabot penned two books called “Guide to Dignified Dying” and “Taking Control of your Death by Stopping Eating and Drinking” which discusses in detail “how to make stopping eating and drinking a humane exit”.

The books are essential read

ing for advocates of “self euthanasia” and people who wish to die.

De Einder recommends taking certain medicine combinations and inhaling helium or nitrogen, but it also talks about starving yourself to death for self-euthanasia, a practice which it describes as a “grey area” under Dutch law.

As preparations for self-euthanasia by starvation, the foundation recommends people prepare by talking to doctors and making sure they have a written medical advance directive in which they specifically note down their wishes including “banning life-extending treatment, fluid administration and hospitalisation”.

<https://www.bioedge.org/bioethics/dutch-vs-ed-case-sparks-international-furor-and-ethical-debate/13090>

Dutch ‘euthanasia’ case sparks international furore

by [Xavier Symons](#) | 9 Jun 2019 |

Euthanasia debates often centre on older, terminally ill patients who wish to end their lives rather than suffering needlessly in their final days. Many are unaware that in the Netherlands and Belgium euthanasia is permitted for minors and the mentally ill.

This goes some way to explaining the international media frenzy surrounding a 17-year-old girl who committed suicide in the Netherlands early this month. Noa Pothoven, a teenager from the city of Arnhem, was raped on multiple occasions as a child, and since then had suffered from severe post-traumatic stress disorder, anorexia and depression. Doctors struggled to treat Pothoven’s various disorders, and she was repeatedly hospitalised.

Last year, Pothoven approached the Levensende Clinic in The Hague -- a Dutch end of life clinic that focuses on “patients whose requests for assisted dying are more complex and often denied by their own physician”. Yet contrary to early media reports -- which suggested that Pothoven had been euthanised -- her request for assistance in dying was refused. Doctors reportedly said that the teen was too young and needed to receive further treatment before being considered for euthanasia.

Pothoven instead starved herself to death (what in bioethics is sometimes called voluntary stopping of eating and drinking, or VSED) in her family home. It was unclear whether doctors were involved in the process.

Her family released a statement on Wednesday clarifying the cause of the girl’s death, and stating that they wished to have their privacy respected:

“We, parents of Noa Pothoven, are deeply saddened by the death of our daughter. Noa had chosen not to eat and drink anymore. We would like to emphasize that this was the cause of her death. She died in our presence last Sunday. We kindly ask everyone to respect our privacy so we as a family can mourn”.

Journalists were quick to criticise the inaccurate reporting of Pothoven’s death -- which had even garnered a tweet from Pope Francis. “A 17-year-old rape victim was NOT euthanised in the Netherlands”, Politico journalist Naomi O’Leary said on Twitter. “It took me about 10 mins to check with the reporter who wrote the original Dutch story”. Yet others observed that, in spite of the inaccuracy of initial reporting, the case raises a range of complex ethical questions.

Writing in The Guardian, columnist Kenan Malik said that Pothoven’s case should prompt ethical reflection about the suffering and treatment of minors with psychiatric disorders.

“...while the ethical debates about euthanasia and [VSED] are distinct, both raise profound questions about the relationship between an individual’s autonomy and what society deems morally acceptable. This is especially so in Pothoven’s case, as she was a minor. And while her death was not a case of euthanasia, it is important to ask whether

the legalisation of euthanasia made it easier for a deeply pained individual to imagine death as a way out”.

Similarly, National Institutes of Health researcher Scott Kim wrote in The Atlantic that, while Pothoven was refused euthanasia, the outcome of the case “does not, however, show that all is well with the Dutch approach to assisted death—or that fears of a slippery slope are merely alarmist”. Kim noted that a respected Dutch-language medical journal recently reported that an 18-year-old had died via medically assisted suicide for psychiatric problems. While the story of Pothoven’s assisted death wasn’t real, it could have been.

Xavier Symons is Deputy Editor of BioEdge.

Imagens

<https://www.bioedge.org/bioethics/dutch-vs-ed-case-sparks-international-furor-and-ethical-debate/13090>



<https://www.doemeemetmind.nl/actie/noa-pothoven>



